

O movimento estudantil em torno das casas de estudantes: uma luta histórica.

Machado, Otávio Luiz.

Cita:

Machado, Otávio Luiz. (2007). *O movimento estudantil em torno das casas de estudantes: uma luta histórica*. *Juventude.BR*, 2 (3), 47-51.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/otavioluizmachado/20>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/pezx/d1u>



MEMÓRIA DA JUVENTUDE BRASILEIRA

Honestino Guimarães, presidente da UNE
assassinado pela ditadura militar em 1973

Arthur Poerner
Irun Sant'Anna
Gustavo Petta



CASTRO ALVES
160 ANOS
Fernando Garcia



O MOVIMENTO ESTUDANTIL EM
TORNO DAS CASAS DE ESTUDANTES
Otávio Machado



O DIREITO CONSTITUCIONAL
À PARTICIPAÇÃO
Augusto Vasconcelos



DOSSIÊ

MEMÓRIA DA JUVENTUDE

Pré-história da UNE - e sua fundação, instalação e consolidação **23**

Irun Sant'Anna

A UNE de volta pra casa **28**

Arthur Poerner

UNE: futuro e tradição **30**

Gustavo Petta

Guerrilheiras do Araguaia: os caminhos de quatro jovens militantes

Iano Flávio Maia, Renata Dantas e Verónica Savignano **32**

Como ser agente da história se nos livros escolares só há espaço para imperadores, reis, ministros e barões?

Caio Zerbini e Marco Rodrigues **35**

Brasil Memória em Rede: conectando memórias pelo país

Ana Leonardo Nassar de Oliveira **37**

A perda da memória recente **45**

Toni C.

O movimento estudantil em torno das casas de estudantes: uma luta histórica **47**

Otávio Luiz Machado

NESTA EDIÇÃO



POLÍTICAS PÚBLICAS

O direito constitucional à participação e o marco legal das políticas públicas de / para / com juventude no Brasil

Augusto S. V. de Oliveira

8

2 Editorial

52 Sociologia no ensino médio: mudanças profundas na educação brasileira

A construção do Homem no jovem Marx
PARTE 3 **57**



TERRORISMO CRIMINAL

Redução da maioria: direito penal máximo contra a juventude

Castro Alves:
160 anos do borbulhar do gênio

Fernando Garcia **39**



O movimento estudantil em torno das casas de estudantes: uma luta histórica*

Otávio Luiz Machado**

A importância das casas de estudantes e o seu início

Com o aumento do número de jovens que buscam a educação superior no Brasil, exige-se cada vez mais um número maior de residências ou casas de estudantes, sobretudo nos campi do interior dos estados.

Hoje a formação universitária faz parte da rotina de muitos jovens no Brasil, e as condições dos cursos não acompanham as demandas existentes. Por isso muitas famílias adiam por anos o sonho da casa própria e diminuem seus padrões de consumo para investir cada vez mais na educação dos seus filhos.

Quando os estudantes entram nas universidades, sobretudo os provenientes de grupos desprivilegiados, fazem de tudo para não perder a chance conquistada, embora nem sempre consigam superar todas as inúmeras dificuldades para estudar no Brasil.

As dificuldades de muitos jovens advêm da falta de um ambiente de vivência e de estudo, porque o primeiro passo para o sucesso num curso superior é ter uma boa morada. Um lugar adequado para viver e que permita realizar seus estudos tranquilamente.

Em nossa pesquisa na Universidade Federal de Ouro Preto (2000)¹ entrevistamos diversos ex-alunos que viveram

1 Referimos-nos à pesquisa "Reconstrução histórica das repúblicas estudantis da UFOP", realizada junto ao Laboratório de Pesquisa Histórica (LPH).

A vida em casas de estudante não é muito recente no Brasil. A primeira instituição de educação superior, a Faculdade de Direito do Largo do São Francisco, criada na capital de São Paulo em 1827, provocou mudanças na cena cotidiana da cidade

em "repúblicas" entre 1950 e 1990, para os quais a experiência nessas moradias foi fundamental para a conclusão de seus cursos universitários e a afirmação na vida profissional.

Mas a vida em casas de estudante não é muito recente no Brasil. A primeira instituição de educação superior, a Faculdade de Direito do Largo do São Francisco, criada na capital de São Paulo em 1827, provocou mudanças na cena cotidiana da cidade: "São Paulo era tão pequena que a chegada de um batalhão foi suficiente para não haver casas para alugar" (Souza Campos, 1954, p. 315). Os estudantes reivindicaram da direção escolar um espaço para se acomodarem e permanecem estudando.

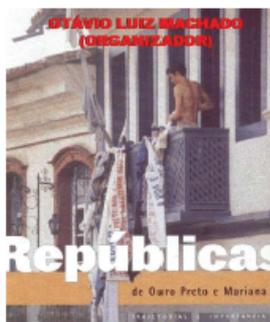
Em Olinda, também, os estudantes da Faculdade de Direito (criada em 1827) passaram a encantar a histórica cidade com seus violões, flautas e modinhas, assim como em Ouro Preto - escola criada quase duas décadas depois -, traçando à vida da cidade um aspecto romântico e menos sombrio.

O clamor pelas pequenas cidades universitárias foi objeto de preocupação de um dos maiores pensadores brasileiros, Tristão de Athaíde, o Alceu

Amoroso Lima:

"Pois aquilo que foi outrora São Paulo, no tempo em que era a cidade dos estudantes, é hoje Ouro Preto. Seria aqui o lugar ideal para uma grande Universidade. E estou convicto que ainda o será algum dia no futuro, quando os políticos e educadores se convencerem que é nas cidades pequenas que se levantam, em geral, os maiores centros de estudos - Coimbra ou Salamanca, Oxford ou Bohuue, Cambridge (Harvard) ou Recife" (Athaíde, 1965, p. 5).

São diversas as experiências vividas em casas de estudantes, seja nos alojamentos, seja nas "repúblicas". No caso destas últimas, a inserção do estudante nesse grupo ocorre com a inculcação de valores como solidariedade, responsabilidade e autonomia. O capital econômico não é o que influencia o cotidiano das "repúblicas", no caso de Ouro Preto tanto na entrada e escolha dos novos moradores como na sua permanência. Mas o capital cultural e social acumulado é trocado ao longo de sua vida universitária com os demais estudantes, pois



O capital econômico não é o que influencia o cotidiano das “repúblicas”, no caso de Ouro Preto tanto na entrada e escolha dos novos moradores como na sua permanência.

não existem critérios sócio-econômicos na seleção das novas vagas e na organização do ambiente das moradias. Diferentemente do que ocorre nas “repúblicas”, nos alojamentos e casas de estudantes universitários o critério central para a entrada do estudante é ser oriundo de famílias de baixa renda².

Uma outra grande questão hoje para as universidades é a relação com as cidades a que pertencem. As universidades cada vez mais participam da vida delas, bem como elas participam mais da vida das universidades. Não existe tanto uma separação, sobretudo quando levamos em conta a vida comunitária de várias repúblicas e casas de estudantes integradas com as cidades nos seus mais diversos aspectos.

Atualmente, a interiorização das universidades é uma prática cada vez mais adotada. Enquanto as primeiras escolas superiores se instalaram preferencialmente em grandes cidades, atualmente as pequenas

e médias são escolhidas para a instalação de universidades. Em algumas cidades foram instaladas escolas superiores devido ao papel cultural que desempenhavam. Nesse quesito merecem destaque as cidades históricas de Ouro Preto, São Luís e Olinda.

O aspecto das moradias dos estudantes e a participação dos mesmos nas cidades é uma questão social de significativa análise. A Universidade Estadual Paulista (Unesp) é o grande exemplo de interiorização do ensino superior. Ela conta com campi em cerca de 23 cidades no interior, além do campus em São Paulo. Apresentou um estudo sobre o impacto de sua atuação em 14 dessas 23 cidades. O oferecimento de ensino, de produção de conhecimento relevante para essas cidades e prestações de serviços diversificados às suas populações, injeção de recursos via despesas dos funcionários, professores e estudantes foram alguns dos impactos da presença da Unesp nesses municípios (Souza Trindade, 2003). Ela oferece moradias em vários campi e também muitos alunos alugam imóveis em tais cidades.

Grande questão hoje para as universidades é a relação com as cidades a que pertencem. As universidades cada vez mais participam da vida delas, bem como elas participam mais da vida das universidades.

Ponto de encontro na universidade

Além das diversas moradias, cremos haver outro ponto de encontro importante nas universidades: os restaurantes universitários (RU's). Eles permitem uma convivência importante entre todos os membros da universidade (estudantes, funcionários ou professores).

Não se apoiando apenas no aspecto assistencial - importante principalmente aos alunos de baixa renda -, os restaurantes universitários, as “repúblicas” e casas de estudantes criam um ambiente que gera a aproximação e novas relações entre as pessoas oriundas de classes, culturas e formações diferenciadas. Os almoços coletivos dos estudantes no restaurante universitário e a presença em festas ou outras solenidades representa que o grupo está unido não apenas em função do espaço físico da casa. Há “espírito de corpo”. Para Bourdieu, todos os corpos dotados de um espírito corporativo - ele exemplifica com as *fraternities* e as *sororities* das universidades norte-americanas - tais como as famílias se encontram submetidos a dois sistemas de forças: 1) forças da economia: introduzem tensões, contradições e conflitos; 2) forças da coesão: “que estão vinculadas ao fato de a reprodução do capital, sob suas diferentes formas, depender, em grande parte, da reprodução da unidade familiar” (Bourdieu, 2001b, p. 176-177).

Diferentemente da “habitação de estudante”, presente na teoria desenvolvida por Bourdieu e Passeron na França (Bourdieu & Passeron, 1969), outras muitas moradias universitárias não são lugares impostos pelas condições econômicas e sociais dos estudantes de Ouro Preto - nosso principal referencial para a análise das

² Entendemos como de “baixa renda” os estudantes que cursam a graduação na universidade e enfrentam dificuldades de manutenção no decorrer de seus cursos em itens como livros e apostilas, transporte, alimentação e moradia, devido a seus próprios rendimentos ou por suas famílias não poderem arcar adequadamente com todas as despesas, necessitando, dessa forma, do apoio da universidade em todos ou em vários desses pontos. A UFPE tem discutido nesses termos (FONTE, 2003), identificando esse estudante como aquele cuja família tenha no máximo uma renda de 2 salários mínimos por pessoa. Podem ser chamados em certos momentos tais estudantes de “desprivilegiados”, pois não competem de forma igual com os demais estudantes que pertencem à universidade.

moradias estudantis universitárias. Ou seja, não existem nas políticas universitárias critérios sócio-econômicos ao destinar as vagas, pois quem administra as mesmas são os próprios moradores. E eles é que possuem autonomia perante a Universidade. Dessa forma, a aceitação das diferenças nesse mesmo espaço é possível através de uma série de rituais e cerimoniais acadêmicos que buscam incessantemente a troca de capitais e a inculcação de um *habitus*.

Pierre Bourdieu possui enorme contribuição para a teoria social, retratada de forma original em diversos de seus trabalhos (Bourdieu, 1969, 1987). São vários estudos relacionados à educação, estendidos aos processos de distinção e de produção e reprodução da vida social através das categorias *habitus*, capital cultural e social e poder simbólico. As estratégias de acumulação de capital cultural e social utilizadas por esses estudantes, assim como os locais privilegiados para o aprendizado extracurricular no ambiente universitário, podem ser bem analisados utilizando-se a teoria de Bourdieu.

Max Weber (um dos clássicos da teoria social) foi um intelectual que não estudou sistematicamente o tema dos estudantes universitários e da vida comunitária, embora tenha tratado com destaque a questão dos *colleges* norte-americanos, localizados em cidades pequenas. E que obrigavam os jovens a habitar dentro deles exercendo assim um "controle rigoroso sobre o modo de vida dos estudantes" (Weber, 1989, p. 75). Segundo Weber, as opiniões que recebeu em círculos empresariais norte-americanos explicitavam que os *colleges* tinham uma "função" de promover a formação diferenciada no que tange à preparação dos estudantes para vivenciar

uma mesma experiência e se adequar ao sistema social de maneira uniforme. Essas pequenas cidades universitárias e a vida universitária em torno do campus foram estimuladas em diversas cidades européias, como na Alemanha.

As grandes levas de estudantes deslocadas de regiões inteiras para outras é um grande problema por que as cidades passaram, e ainda passam. Na Alemanha, por exemplo, por volta de 1830 os estudantes migravam das universidades de inverno do norte para as de verão do sul num movimento constante que passou a atualizar os ritos da vida estudantil coletiva nas pensões e nas cervejarias (Verger, 1996, p. 74).

A importância cultural dessas casas é muito forte em universidades norte-americanas e européias:

"Na segunda metade do século XIX, estudantes universitários fundaram diversas organizações como grupos literários, sociedades secretas, times de futebol, clubes sociais, bem como *fraternities* (fraternidades). Estas últimas se constituíam em grupos fechados de estudantes, que residiam juntos em casas localizadas dentro ou na periferia dos *campi* e que, até hoje, podem ser identificadas por letras gregas nas suas fachadas. As primeiras fraternidades eram só para estudantes do sexo masculino. Passado algum tempo as estudantes fundam as *sororities* (irmandades³) para estudantes do sexo feminino. As várias *fraternities* e *sororities* espalhadas por todo o país formam o *Greek System*, ou

³ O termo *sorority* em inglês é o feminino de *fraternity*. Em português, o termo irmandade tem uma conotação mais religiosa do que de gênero feminino, o que não é o caso na língua inglesa. Por essa razão usarei *fraternity* e *sorority* em inglês. Usarei o plural em português, pois engloba os dois termos (Oliven, 2003).

seja, o sistema grego, que as une para que tenham maior organização. Esse sistema funciona como uma rede de apoio e de contatos sociais" (Oliven, 2003, s.p).

Por outro lado, a criação de laços profissionais ainda nos primeiros meses da Universidade com a criação de um *network* é muito comum a partir das moradias estudantis:

"Através dele os estudantes contam com apresentações e/ou recomendações, que podem facilitar a busca de estágios, empregos, empréstimos e outras facilidades. Contam também com uma identidade que os diferencia. Para se pertencer a uma *fraternity* não basta pagar uma mensalidade, é preciso se candidatar. O candidato preenche uma ficha com fotografia, dados pessoais, especificando as razões pelas quais eleger tal fraternidade para pertencer. Quem escolhe os novos sócios são os antigos residentes. É interessante que um candidato que tenha alguém da família que pertence a uma *fraternity* possua uma chance maior de ser escolhido. Ele possui uma *legacy*, ou seja, um legado. Existem alguns rituais referentes à passagem da condição de *pledged* (candidato) à de membro da organização, ou seja, à de *brother* (irmão). O novo membro deve enfrentar desafios que lhe são impostos para mostrar que é merecedor de fazer parte da organização. A cada um dos novos membros selecionados é designado um irmão mais velho, que já mora na residência, para orientar o novato em termos de adaptação à vida no *college* e na *fraternity*. Existe todo um ritual de acolhimento aos novos sócios. Uma vez irmão, se é

Como ponto central da assistência estudantil universitária, as casas de estudantes ou repúblicas sempre lutaram para a maior valorização de tais residências, principalmente no aspecto de formação extracurricular e do acesso à educação superior.



Acima: Uma das assembléias realizadas durante a última greve dos estudantes da USP; em pauta, dentre outros pontos, a questão da moradia; Abaixo: passeata em defesa das moradias estudantis.



irmão por toda a vida. O pertencer a uma *fraternidade* exige lealdade, pois a ligação com esta não se encerra com a obtenção do diploma do *college*. Ela, de fato, continua e deve se expressar no apoio financeiro a obras sociais, na ajuda para a construção e manutenção de algumas residências universitárias para novos membros e, principalmente, no apoio ao *college*" (Ibid. Ibidem).

As casas de estudantes e "repúblicas", portanto, possuem importância histórica em vários países. Em alguns deles são mais valorizadas do que em outros. E muitas delas já são parte integrante de diversas cidades, que as reconhecem e as apóiam.

As lutas em torno das casas de estudantes ou repúblicas tornaram-se intensas no final dos anos 1960, quando da criação da Secretaria Nacional de Casas de Estudantes (SENCE). É importante ressaltar que tais movimentos buscaram reunir diversas reflexões e ações

voltadas para a afirmação da identidade das diversas casas de estudantes através de experiências trocadas em encontros vários. Como ponto central da assistência estudantil universitária, as casas de estudantes ou repúblicas sempre lutaram para a maior valorização de tais residências, principalmente no aspecto de formação extracurricular e do acesso à educação superior.

Conclusões e pequenas reflexões

Em um artigo para o *Jornal da UFOP* em 2004 manifestei minha preocupação com a continuidade do fechamento das "repúblicas" de estudantes de Ouro Preto para aqueles que não fossem de um ou outro curso (Machado, 2004).

Para a própria sobrevivência do sistema público de "repúblicas" daquela cidade – levando em consideração a expansão de novas moradias particulares com o oferecimento de quase tudo que as casas de estudantes públicas sempre se vangloriaram de possuir (solidariedade, festas, conforto etc) –, a nosso ver deveria existir um debate franco com todos os membros da cidade, universidade e outros setores fundamentais na questão. Esse debate sobre a moradia estudantil deveria estar presente em todas as moradias universitárias brasileiras.

Não é possível em uma universidade pública termos dissociação entre os estudantes. A experiência nas "repúblicas" e em casas de estudantes deve ser um direito de todos. E nenhuma restrição ao acesso e à permanência às moradias deve ser colocada.

Muitos movimentos de ocupação de prédios de reitorias e de protestos nas ruas estão marcando uma nova fase das moradias universitárias. Podemos

observar *in loco* a ocupação da reitoria da UFPE em 2004, bem como a recente ocupação do prédio da reitoria da USP e, virtualmente, diversos outros atos semelhantes pelo país afora.

Por fim, a história de lutas dos estudantes brasileiros pelas moradias universitárias foi e continua sendo intensa por todo o Brasil. E sua continuidade não precisa se pautar apenas na permanência, mas na sua mudança. Pois novos desafios irrompem no universo de todas as moradias, assim como novos atores com necessidades diversas. Um novo projeto para as moradias universitárias é importante. E os estudantes continuam sendo no momento uma potencialidade para a construção de tal projeto.

Sobretudo em se tratando de políticas de apoio ao estudante, que as casas de estudantes e "repúblicas" saiam da órbita burocrática dos serviços de assistência estudantil - sem verbas e nem condições mínimas de trabalho na maioria das universidades - e sejam subordinadas às Pró-Reitorias de Ensino, pois a questão não é meramente assistencial, mas pedagógica! ●

*O artigo aqui publicado contém extratos do livro "Movimento estudantil brasileiro e a Educação Superior" (organizado por Michel Zaidan Filho e Otávio Luiz Machado) e no CD "Repúblicas de Ouro Preto e Mariana: trajetórias e importância" (organizado por Otávio Luiz Machado). Os dois trabalhos foram realizados devido ao esforço de pesquisa do projeto "A Engenharia nacional, os estudantes e a Educação Superior: a memória reabilitada (1930-85)".

**OTÁVIO LUIZ MACHADO é historiador pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Mestrando em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco (PPGS/UFPE). Membro do Grupo de Pesquisa Educação e Sociedade da UFPE. Membro da Coordenação de Atividades do Projeto "A Engenharia nacional, os estudantes e a Educação Superior: a memória reabilitada (1930-85)", que no momento envolve mais de 20 instituições de educação superior no Brasil. Pesquisador-associado do Grupo de Pesquisa da FAE/UFMG OSFE (Observatório Sociológico Família e Escola: Trajetórias e Práticas de Escolarização).



Que as casas de estudantes e "repúblicas" saiam da órbita burocrática dos serviços de assistência estudantil e sejam subordinadas às Pró-Reitorias de Ensino, pois a questão não é meramente assistencial, mas pedagógica!

Bibliografia

ATHAIDE, Tristão de. In: *Comentário na Voz do GLTA*, Ouro Preto, GLTA, 1965.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1987.

_____. *La Noblesse d'Etat*. Paris: De Minuit, 1989.

_____. *O Poder simbólico*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001a.

_____. *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. 3ª ed. Campinas: Papirus, 2001b.

_____. & PASSERON, J. C. *Los estudiantes y la cultura*. 2ª ed. Barcelona: Editorial Labor, 1969.

FONTE, Eliane da (org). *Limites e possibilidades da assistência estudantil no espaço universitário*. Recife: PROACAD/UFPE, 2003.

MACHADO, Otávio Luiz. "As Repúblicas Estudantis da Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil". IN: *Revista Crítica de Ciências Sociais*. Coimbra, Centro de Estudos Sociais, nº 66, p. 197-199, outubro de 2003.

_____. *As 'repúblicas' e a expansão da educação superior: o caso da UFOP*. Ouro Preto-MG, Jornal da UFOP, maio/julho de 2004, p. 11. www.ufop.br/jufop/164/164.pdf

_____. (org.) *Repúblicas de Ouro Preto e Mariana: trajetórias e importância*. Recife: Projeto "A Engenharia nacional, os estudantes e a Educação Superior: a memória reabilitada (1930-85)", 2007. (CD).

_____. & ZAIDAN, Michel (orgs.). *Movimento Estudantil Brasileiro e a Educação Superior*. Recife: Editora Universitária UFPE, 2007.

OLIVEN, Arabela Campos. "A marca de origem: comparando colleges norte-americanos e faculdades brasileiras". IN: *GT Educação e Sociedade - XXVII Reunião Anual da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciências Sociais*. Caxambu, 2003.

SOUZA CAMPOS, Ernesto de. *História da Universidade de São Paulo*. São Paulo: Edusp, 1954.

SOUZA TRINDADE, José Carlos. "Impacto socioeconômico da Unesp". São Paulo: *Folha de S. Paulo*, 02/09/2003, p. 3.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO / LABORATÓRIO DE PESQUISA HISTÓRICA. *Projeto Reconstrução histórica das repúblicas estudantis da UFOP*. Mariana: Laboratório de Pesquisa Histórica / UFOP, 2000.

VERGER, Jacques. *História das Universidades*. São Paulo: Editora da Unesp, 1996.

WEBER, Max. *Sobre a Universidade*. São Paulo: Cortez, 1989.